

APENAS R\$ 39,90/mês

ASSINE A OESTE

S&P 500 Index 6,874.5 +16.70 (+0.24%)

US 100 Cash CFD 25,363.0 +155.90 (+0.62%)

E 17

[🏠](#) > [Artigos](#) > [Edição 303](#) > [Mercosul e agricultura à la française](#)

Plantação de lavanda em Provença, na França | Foto: Shutterstock

| EDIÇÃO 303

Mercosul e agricultura à la française

Ao contrário dos franceses, agricultores e pecuaristas brasileiros produzem sem subsídios, competem no mercado, assumem riscos e ainda preservam vastas áreas de vegetação nativa — sem receber um centavo do governo

**EVARISTO DE MIRANDA** 02 jan 2026 - 09h48

Labourage et pâturage sont les deux mamelles de la France
(“Aração e pastagem são os dois seios da França”)

Maximilien de Béthune
duc de Sully,
ministro do rei Henrique IV



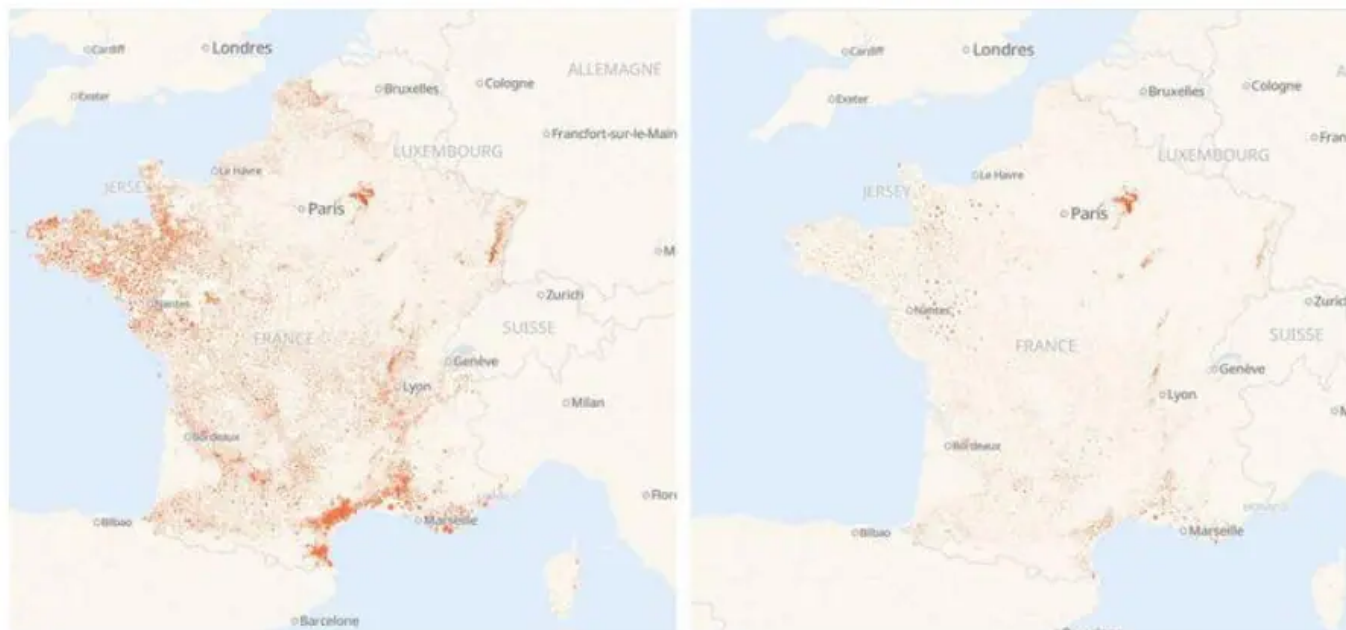
Entrar  

A Europeia e Mercosul. Treme com a competição e o mercado, apesar de toda blindagem e tantas salvaguardas. Mesmo com os subsídios de Bruxelas e Paris (ou talvez em razão deles), globalmente, a agricultura francesa declina e perde competitividade. A França, tradicional país exportador, tem déficit crescente na balança comercial agrícola com seus vizinhos europeus e pode fechar 2025 no vermelho com o resto do mundo.

A exportação do Brasil para Singapura é superior ao exportado à Alemanha e o enviado à **Tailândia ultrapassa o comércio com a França**. O Acordo poderia ajudar a **posicionar Brasil** e Europa na disputa entre EUA e China. Poderia reduzir a dependência da Ásia. E atrair investimentos produtivos europeus, com impactos no desenvolvimento nacional. A Europa precisa ainda mais desse Acordo e o negocia há 25 anos!

Desde 2010, em média, 27 fazendas **desaparecem por dia** na França. Entre 2020 e 2023, foram cerca de 40 mil fazendas. As pequenas propriedades rurais, inferiores a 20 hectares, **estão a sumir da paisagem francesa**. Em dez anos, caíram de 43% para 38% no conjunto dos imóveis rurais. O país passou de quase 1,59 milhão de propriedades rurais em 1970 para 490 mil em 2010 e 390 mil em 2020 (queda de 20%). Hoje, está com 349 mil imóveis rurais, segundo o **Ministério da Agricultura da França**.

Entre 1988 e 2020, 90% dos departamentos franceses perderam mais da metade das propriedades. Como a superfície total explorada segue quase a mesma: 28 milhões de hectares (redução inferior a 2%),



Desaparecimento de pequenas propriedades rurais na França entre 1998 (esquerda) e 2020 (direita) | Fonte: TerritoiresFertiles.fr

O setor mais afetado é a pecuária: metade das falências rurais. Das 64 mil fazendas desaparecidas entre 2010 e 2020, 33 mil eram de bovinos. No uso das terras, pela primeira vez, a área de pastagens foi superada pela de cereais e tubérculos. Produtores de vinhos, queijos, presuntos e azeites são favoráveis ao Acordo com o Mercosul. Pecuáristas são contra. Desafios não lhes faltam. Enfrentam agora um surto de Dermatose Nodular Contagiosa, doença viral grave. Ela poderá levar ao abate de até 1,5 milhão de bovinos.

As propriedades com mais de 200 hectares, ou 10% do total dos imóveis rurais, já detêm um terço das terras. Em média, as propriedades francesas têm 63 hectares, uma dimensão limitante para ganhos em escala na maioria das atividades agropecuárias. Cerca de metade das terras agrícolas da França já destina sua produção à exportação. Nesse cenário, a tradicional pequena propriedade familiar não tem competitividade. Não é sustentável.

As propriedades rurais desaparecem devido à concentração fundiária. Ela é necessária para mais produtividade e rentabilidade.

modelo de agricultura: propriedades maiores, capitalizadas, mecanizadas, voltadas sobretudo à exportação, especializadas em beterrabas, grãos e pecuária intensiva. Um exemplo são as batatas. Em 2025, sua área cultivada cresceu 10,3% e chegou a cerca de 200 mil hectares, impulsionada pela exportação ao crescente mercado mundial de batatas fritas congeladas. Quase tudo contratado entre produtores e agroindústrias.

Até 2030, a previsão é uma redução em mais um quarto das propriedades rurais francesas, dada a aposentadoria de produtores, sem sucessão. O envelhecimento da população rural continua: 78,5% dos produtores têm mais de 50 anos. Em cada três aposentadorias, apenas duas têm sucessão. Previsão projetada para 2050: menos de 200 mil agricultores na França.

Houve um pequeno crescimento de propriedades na horticultura entre 2010 e 2020, enquanto todas as outras cadeias produtivas declinaram. Muitas propriedades buscaram alternativas para sobreviver no chamado “modelo de proximidade”: cadeias de ciclo curto, venda direta e local a consumidores com apoio de prefeituras, produtos certificados, sistemas de produção alternativos, como os orgânicos ou biológicos.



Melões à venda no mercado local em Provença, França | Foto: Robert Paul/Shutterstock

Apenas pequena parte das propriedades rurais francesas teve viabilidade nesse modelo. Os preços mais elevados de seus produtos, a falta de escala e outros fatores levaram os consumidores a optarem por soluções mais econômicas. O “modelo da proximidade” é incapaz de atender às demandas nacionais em bases competitivas e, nos últimos três anos, diminuíram as propriedades participantes.

Na agricultura, os custos trabalhistas na França são 1,7 vez superiores aos da Espanha, 11 vezes superiores aos da Polônia e 70 vezes superiores aos do Marrocos. O custo da terra e dos insumos é elevado. A França depende da importação de cerca de 18 milhões de toneladas anuais de adubos da Rússia, Marrocos, Argélia, EUA... O país importou mais de 735 mil toneladas de fertilizantes da Rússia em 2024. A compra, apesar da guerra na Ucrânia, aumentou desde 2020. Em quatro anos, triplicou.

A agricultura representa apenas 1,7% do PIB da França. Embora o país siga como principal potência agrícola da Europa (18% da produção, à frente da Alemanha e Itália), um em cada cinco produtos alimentícios (20%) consumidos na França é importado. Essa tendência se acentuou

Ouvi perplexo de um interlocutor francês: “Os produtores europeus não são agricultores como os sul-americanos”.

Os produtos franceses são mais caros, face aos equivalentes importados. A produção de **pescados, suínos e aves** declina e cresce a importação. O preço mais alto afeta a escolha do consumidor e contribui para a regressão de setores da agropecuária.

Os franceses produzem menos frangos e os consomem cada vez mais. É a segunda carne consumida, depois da suína. Os consumidores se afastaram das carnes francesas “qualificadas” e mais caras. A queda nesse consumo foi de 15 a 20%. A importação atende quase 45% do consumo francês de carne de frango. Cenário parecido ocorre com pescados e ovinos.

O rebanho de 3,4 milhões de vacas leiteiras em 2023 recuou pelo nono ano consecutivo. A produção de leite foi de 22,7 bilhões de litros, o nível mais baixo desde 2010. Em sete anos, um em cada dois produtores de leite se aposentará. A procura por laticínios aumentou. Impossível atender à demanda com a produção nacional, mesmo com ganhos de produtividade. Há menos de 20 anos, agricultores eram obrigados a descartar parte do excedente de leite. Agora é o oposto. A França, tradicional produtora de manteiga, a importa cada vez mais do Reino Unido e Nova Zelândia.

As propriedades rurais desaparecem devido à concentração fundiária. Ela é necessária para mais produtividade e rentabilidade, pela especialização e industrialização, num contexto de baixa remuneração, aumento da concorrência internacional, alto endividamento, envelhecimento dos agricultores e crescimento dos custos (terra, insumos e mão de obra).



Vinhedo localizado na cidade de St. Emilion, França | Foto: Viktor Ivandikov/Shutterstock

Há mais de meio século, a agricultura francesa evoluiu sob a influência da Política Agrícola Comum (PAC) da União Europeia, criada em 1962 para dinamizar o setor e sua industrialização. O valor da PAC cresce e provoca distorções adicionais de mercado, com taxas às importações, garantias de preços mínimos e remuneração aos agricultores. A França é a maior beneficiária da PAC, com alocação anual de **13 bilhões de euros**, em ajudas e subsídios. Em média, são R\$ 18,5 mil por mês por imóvel rural. A outra face dessa moeda é a burocracia e o dédalo de regras impostos por Bruxelas.

Desse montante, 78% são distribuídos diretamente aos agricultores como “renda de base”, em função do tamanho da propriedade, sem considerar como a produção é realizada. É uma “bolsa-família Vuitton” da agricultura. Boa parte dos agricultores se transformou em “funcionários públicos”. Sem subsídios, a produção de carne bovina, ovina e caprina seria inviável. O resto das subvenções, cofinanciadas pelos países membros, paga aos agricultores por práticas ambientalmente corretas e os compensa em situações geográficas desfavoráveis, como na agricultura de montanha.

inmigratoria e migratoria no velho continente, o Acordo de Livre Comércio (*ma non troppo* com tantas salvaguardas) com o Mercosul é uma euronecessidade.

Há um século, investidores, empresas e produtores franceses **atuam diretamente na agricultura brasileira**, na agroindústria e na distribuição de alimentos. Diversos grupos brasileiros investem e têm parcerias no agro francês e europeu, como na produção de melão, ovos, rações etc.

A transformação de agricultores em fornecedores de matéria-prima para a indústria agroalimentar é criticada pelos gauleses. Essa realidade moderna e mundial contrasta com o passado (*Labourage et pâture*...) de uma agricultura nacional capaz de alimentar diretamente os lares franceses.

Anos atrás, em Bruxelas, numa missão governamental, ouvi perplexo de um interlocutor francês: “Os produtores europeus não são agricultores como os sul-americanos”. São verdadeiros “jardineiros da natureza”, “guardiões das paisagens”. Eu concordei: no Mercosul existem apenas agricultores e pecuaristas, sem subsídios, nem logística adequada. Resilientes, competem no mercado. Assumem riscos. Preservam enormes extensões de vegetação nativa, sem receber um centavo de governo. Sem tutela estatal. Nenhum é “funcionário” ou *jardinier de la nature*. São produtores rurais, de sol a sol.

Leia também **“Trufas: quando o agro cultiva diamantes”**

Gostei 26

Não Gostei 0



1 comentário

Ocultar comentários

Entre ou **assine** para enviar um comentário.**Alice Helena Rosante Garcia**

02 JAN 2026 - 21:52

Interessante

Nao tinha ideia do por quê tanta celeuma com os agricultores franceses

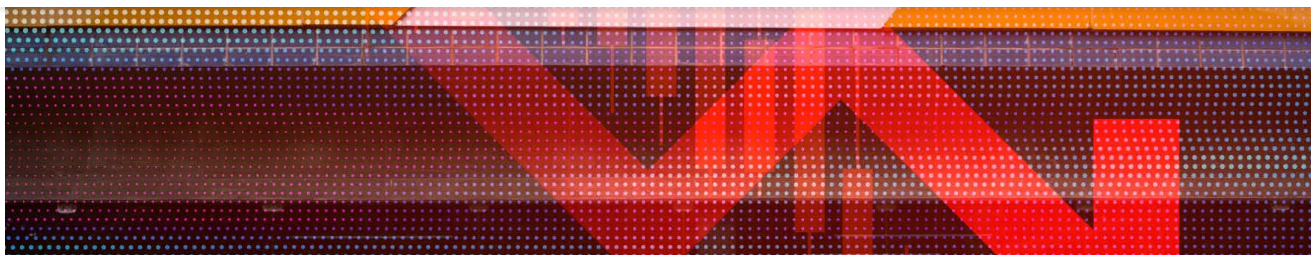
Agora ficou bem claro. Muito bom o artigo Prof Evaristo, como sempre

Um Feliz Ano Novo a todos



Anterior:

0 agro brasileiro no século 21



Próximo:

O pesadelo dos Correios e a greve despercebida

Seja o primeiro a saber sobre notícias, acontecimentos e eventos semanais no seu e-mail.

Digite seu e-mail

Cadastrar

OESTE

A primeira plataforma de conteúdo cem por cento comprometida com a defesa do capitalismo e do livre mercado. Jornalismo de excelência, focado no que é relevante, com clareza e objetividade.

INSTITUCIONAL

Nosso pacto

Nossa equipe

Dúvidas Frequentes

Anuncie conosco

Fale conosco

Política de privacidade e termos de uso

EDITORIAS

Colunistas

Política

Economia

Brasil

Mundo

Tecnologia

Agro

FAQ

Cria uma conta



Ir para a revista

19.608.677/0001-35